

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

BACHARELADO EM TEOLOGIA

PAULO HENRIQUE DE OLIVEIRA

MANUSCRITOS DO MAR MORTO: ANÁLISE DAS POSSÍVEIS RELAÇÕES  
ENTRE OS DITOS DO APÓSTOLO PAULO E 4QMMT.

VITÓRIA-ES

2021

PAULO HENRIQUE DE OLIVEIRA

MANUSCRITOS DO MAR MORTO: ANÁLISE DAS POSSÍVEIS RELAÇÕES  
ENTRE OS DITOS DO APÓSTOLO PAULO E 4QMMT.

Trabalho de Conclusão de Curso na  
forma de Artigo como requisito parcial  
para obtenção do grau de Bacharel em  
Teologia. Faculdade Unida de Vitória.

Orientador/a: Kenner Roger Cazotto Terra.

VITÓRIA-ES

2021

## RESUMO

O presente trabalho tem a finalidade de identificar as possíveis relações entre os ditos do apóstolo Paulo com os fragmentos do documento conhecido como 4QMMT ou Carta Halaquica. Para tanto, pretende-se, no presente trabalho, descrever a história que subjaz a descoberta dos conjuntos de textos nas ruínas de Qumran, descrever o que representa e o valor nos dias atuais dos Manuscritos do Mar Morto, bem como analisar os recortes de fragmentos, identificando a formação da comunidade Qumranita e a predominância de rígidas leis. A descoberta dos Manuscritos Mar Morto é considerada a maior descoberta científica do milênio passado para o estudo da Bíblia, tanto pela quantidade como pela qualidade dos escritos. Além disso, os Manuscritos contribuíram muito para esclarecer a condição da Bíblia Hebraica. Para tanto, o presente estudo foi dividido em três capítulos. O primeiro capítulo abordou os Manuscritos do Mar Morto, tendo sido subdividido em três outros subtópicos: o primeiro abordou a descoberta desses manuscritos, tendo sido explicado de que maneira isso ocorreu; o segundo, estudou a origem dos homens de Qumran, ou seja, estudou-se o local e a comunidade em que os manuscritos foram descobertos; no terceiro, analisaram-se hipóteses para a formação identitária da comunidade, ressaltando a importância da descoberta dos Manuscritos. No segundo capítulo, analisou-se a Halakhah em Qumran. Também nesse capítulo, houve a divisão em subtópicos, para facilitar a compreensão do tema. No primeiro subtópico, estudou-se a composição dos textos, ressaltando o conceito de Halakhah; no segundo, foram destacados os textos da Halakhah; e, no terceiro e último subtópico do segundo capítulo, estudaram-se as questões da lei em Qumran e o documento 4QMMT, de maneira que foi feito um estudo sobre o documento 4QMMT. Por fim, no terceiro capítulo, fez-se o estudo acerca dos escritos de Paulo e o documento 4QMMT, ressaltando um olhar comum entre eles. Para tanto, dividiu-se o capítulo nas seguintes abordagens: nova perspectiva sobre Paulo; as questões da linguagem determinista, justificação, obras da lei, práticas e experiências religiosas em Paulo; e uma guinada no barco da teologia paulina. Foi possível perceber que a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto ofereceu uma fonte incalculável que precedeu, perpassou e se seguiu ao advento do Jesus histórico, o nascimento do cristianismo primitivo e do judaísmo rabínico, o que possibilitou a compreensão acerca das origens e do desenvolvimento do Novo Testamento e do Cristianismo primitivo.

Palavras-chave: Manuscritos do Mar Morto. Qumran. Documento 4QMMT. Apóstolo Paulo.

## ABSTRACT

The present work aims to identify possible relationships between the sayings of the apostle Paul and the fragments of the document known as 4QMMT or Halachic Letter. Therefore, the present work intends to describe the history that underlies the discovery of the sets of texts in the ruins of Qumran, to describe what they represent and the current value of the Dead Sea Scrolls, as well as to analyze the fragments clippings, identifying the formation of the Qumranite community and the predominance of rigid laws. The discovery of the Dead Sea Scrolls is considered the greatest scientific discovery of the past millennium for the study of the Bible, both for the quantity and quality of the writings. Furthermore, the Manuscripts did much to clarify the condition of the Hebrew Bible. Therefore, this study was divided into three chapters. The first chapter dealt with the Dead Sea Scrolls, having been subdivided into three other subtopics: the first dealt with the discovery of these manuscripts, having explained how this happened; the second, studied the origin of the men of Qumran, that is, the place and community where the manuscripts were discovered was studied; in the third, possible hypotheses for the formation of community identity were analyzed, emphasizing the importance of discovering the Manuscripts. In the second chapter, the Halakhah at Qumran was analyzed. Also in this chapter, there was a division into subtopics, to facilitate the understanding of the theme. In the first subtopic, the composition of texts was studied, emphasizing the concept of Halakhah; in the second, the texts of the Halakhah were highlighted; and, in the third and last subtopic of the second chapter, the questions of law in Qumran and the 4QMMT document were studied, so that a study was carried out on the 4QMMT document. Finally, in the third chapter, the study of Paul's writings and the 4QMMT document was carried out, highlighting a common perspective between them. Therefore, the chapter was divided into the following approaches: new perspective on Paulo; the issues of deterministic language, justification, works of law, religious practices and experiences in Paul; and a shift in the boat of Pauline theology. It was possible to notice that the discovery of the Dead Sea Scrolls offered an incalculable source that preceded, permeated and followed the advent of the historical Jesus, the birth of primitive Christianity and rabbinical Judaism, which enabled an understanding of the origins and development of the New Testament and early Christianity.

Keywords: Dead Sea Scrolls. Qumran. 4QMMT Document. Apostle Paul.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	5
1 OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO .....	7
1.1 A Grande descoberta dos últimos séculos .....	7
1.2 Qual a origem dos homens de Qumran? .....	9
1.3 Possíveis hipóteses para formação identitária da comunidade .....	11
2 A HALAKHAH EM QUMRAN .....	13
2.1 A composição dos textos .....	13
2.2 Destacando os textos da Halakhah .....	14
2.3 As questões da lei em Qumran e o documento 4QMMT .....	15
3 UM OLHAR COMUM SOBRE OS ESCRITOS DE PAULO E 4QMMT	17
.....	
3.1 Nova perspectiva sobre Paulo	17
.....	
3.2 As questões da linguagem determinista, justificação, obras da lei, práticas e experiências religiosas em Paulo	18
.....	
3.3 Uma guinada no barco da teologia paulina.....	19
CONCLUSÃO .....	21
REFERÊNCIAS .....	22



## INTRODUÇÃO

A importância dos Manuscritos do Mar Morto se dá, em função de oferecerem uma fonte ainda incalculável que precedeu, perpassou e se seguiu ao advento do Jesus histórico, o nascimento do cristianismo primitivo e do judaísmo rabínico<sup>1</sup>. Estes novos materiais podem lançar luz a aspectos obscuros do nosso entendimento acerca das origens e do desenvolvimento do Novo Testamento e do Cristianismo primitivo, dando forma a vazios que por vezes separavam o Novo Testamento da Bíblia Hebraica.<sup>2</sup>

Daí a relevância do tema aqui abordado, que tem por intenção, encontrar novas perspectivas para a leitura do novo testamento, em específico alguns ditos do apóstolo Paulo, a luz dos manuscritos. A partir do documento identificado como 4QMMT<sup>3</sup> – Micsat Ma`aseh ha-Tora – Algumas Regras Relativas à Tora, constituído por vinte duas leis religiosas, reconstruído a partir de seis fragmentos encontrados em Qumran.

O judaísmo praticado antes da destruição do Templo (judaísmo pré-70), mostrava-se bastante diversificado no que diz respeito à produção de obras literárias voltadas a doutrina, filosofia, obras jurídico moral e teológicas. Diversas ideologias e variados partidos também compunham aquele cenário, no qual os textos do Mar Morto também vieram a se somar. Tudo leva a crer, que foram as diferenças entre os variados gêneros que levaram os dissidentes a criação de uma nova identidade e porque não dizer seita, onde se mantinha sempre um clima de disputas, oposição, imposição e resistências. Esse reflexo pode ser evidenciado nos textos haláquicos.<sup>4</sup>

A partir da análise de documentos que foram encontrados na região da Palestina, por um jovem pastor beduíno ao perseguir uma de suas cabras que houvera sido extraviada no ano de 1946,<sup>5</sup> e mais tarde vieram a ser chamados de Manuscritos do Mar Morto, será possível encontrar uma nova forma de leitura para alguns textos paulinos, a

<sup>1</sup> NASCIMENTO, Carlos Josué Costa Do. *A pureza e a impureza: motivos de conflito na busca de identidade da comunidade de Qumran – uma leitura de 4QMMT*. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.); FUNARI, Pedro Paulo A. (org.); COLLINS, John J. (org.). *Identidades fluidas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume; 2010. p. 69.

<sup>2</sup> MARTÍNEZ, Florentino García. *Textos de Qumran: edição fiel e completa dos documentos do Mar Morto*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.13.

<sup>3</sup> O que significa caverna 4 de Qumran. Cf. SCHIFFMAN, Lawrence H. *As origens saducéias da seita dos manuscritos do Mar Morto*. In: SHANKS, Hershel (org.). *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto. Uma coletânea de ensaios da Biblical Archaeology Review*. Trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 43.

<sup>4</sup> RODRIGUES, Elisa. Não misturar, não contaminar: as prescrições de 4QMMT limites e identidade social dos membros de Qumran, *Oracula 2.4*, São Bernardo do Campo, p. 1-27, 2006, p.3.

<sup>5</sup> MARTÍNEZ, 1996, p. 11-12.

chamada Nova Perspectiva Paulina, e se evidenciar um possível seguimento entre o judaísmo do primeiro século e o pensamento expresso em alguns textos do apóstolo Paulo.

A partir da análise dos fragmentos encontrados na região do Mar Morto identificados como 4QMMT que ao que parece constituem-se como marcadores de identidade religiosa e social de um grupo, veremos se é possível fazer uma releitura de algumas porções da teologia paulina que fazem alusão a uma linguagem determinista, obras da lei, práticas e experiências religiosas, trazendo uma nova cosmovisão.

## 1 OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

### 1.1 A Grande descoberta dos últimos séculos

Na Palestina, em 1947, nas proximidades do Mar Morto, um jovem pastor beduíno chamado Muhammad Edh-Dhib, à procura de uma ovelha perdida no deserto da Judéia, entrou em uma caverna e encontrou alguns jarros cheios de rolos de papel antigos. Nessa ocasião, foram descobertos milhares de fragmentos de textos hebraicos, aramaicos e gregos; esses documentos ficaram conhecidos como “Manuscritos do Mar Morto” ou “Rolos do Deserto de Judá”, e foram essenciais para o estudo do judaísmo antigo e para o entendimento de textos cristãos com motivação judaica<sup>6</sup>.

Assim, “manuscritos que foram encontrados nas onze grutas são escritos, em couro ou papiros, em sua maioria na língua hebraica e alguns poucos em aramaico ou grego”.<sup>7</sup>

Nesse sentido, Dias explica o acontecimento histórico com mais detalhes:

Na Primavera de 1947, um pastor da tribo beduína dos Ta`âmirah, que vagueiam com seus rebanhos ao sabor da transumância entre Belém e o Mar Morto, o Mar do Sal para os hebreus, Yam HaMmelah, encontrava-se quase na embocadura do Wâdi Qumran, um desses muitos ribeiros secos, que atravessam o deserto de Judá. Estava preocupado e aflito pelo desaparecimento duma cabra. Olhando para a parede rochosa do Wâdi, viu um buraco e atirou uma pedra, porque talvez a cabra tivesse entrado por ali. Ficou, porém, atarantado porque a pedra produzira um baque, como se se tivesse partido qualquer objecto de barro<sup>8</sup>.

Além disso, o autor prossegue na explicação sobre a descoberta dos Manuscritos do Mar Motor, que ocorreram no ano de 1947:

Assustado, juntou o rebanho e partiu para o acampamento, mas, ainda assim, decido a voltar com um amigo para encontrar resposta àquele ruído estranho. Muhammad ed-Di`b (Maomé o Lobo) voltou no dia seguinte com um primo, e penetraram na gruta. Descobriram, então, uma gruta com pedaços de barro partidos e 8 jarras ou ânforas intactas, 7 das quais vazias, mas dentro da oitava acharam três rolos de couro, que levaram a um antiquário de Belém para vender. Este, pensando que estavam escritas em caracteres siríacos,

<sup>6</sup> ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. Manuscritos do Mar Morto. A categoria “Luz” nos Manuscritos do Mar Morto. *REFLEXUS* - Ano VI, n. 7, 2012/1. p. 162.

<sup>7</sup> PERONDI, Ildo. Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto. *Rev. Pistis Prax.*, Teol. Pastor., Curitiba, v. 3, n. 1, p. 205-219, jan./jun. 2011.

<sup>8</sup> DIAS, Geraldo J. A. Coelho. *Os manuscritos de Qumran e a Comunidade Judaica do Mar Morto*. 2005. Disponível em: < <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8238.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2021. p. 112.

levou-as a Mar Atanásio, arquiandrita do mosteiro siríaco de S. Marcos de Jerusalém. Era a descoberta em 1947 da gruta nº 1 de Qumran (1 Q).<sup>9</sup>

Assim, foi possível encontrar inúmeros manuscritos que, nada obstante encontravam-se deteriorados em razão do decurso de tempo, estavam surpreendentemente preservados em condições e quantidade suficientes para proporcionar, pela primeira vez, o acesso direto a textos tão antigos quanto o primeiro século de nossa era.<sup>10</sup>

Ao todo, foram encontrados em torno de 800 documentos e alguns estudiosos sugerem que alguns manuscritos sejam rolos de livros sagrados que os judeus do Templo esconderam ali quando pressentiram que os romanos destruiriam o Templo e a cidade de Jerusalém. Alguns são apenas fragmentos (pedaços) de textos<sup>11</sup>.

A notícia da descoberta foi divulgada e outros beduínos passaram a fazer pesquisas por conta própria, e em Dezembro de 1947, a Universidade Hebraica de Jerusalém, por meio do arqueólogo Judeu Eliezer Lipa Sukenik, comprou um maço de três manuscritos, que hoje se conservam através de réplicas no Santuário do Livro em Jerusalém<sup>12</sup>.

Em Fevereiro de 1952, os beduínos Ta`âmirah descobriam a 2 Q com fragmentos semelhantes aos da 1 Q. Imediatamente se associaram em pesquisa arqueológica, sob a direcção do Pe. Roland De Vaux<sup>13</sup>.

Nos anos de 1955 e 1956, foram realizadas novas escavações, dirigidas pelo dominicano Roland De Vaux, as quais proporcionaram a descoberta de 11 grutas de Qumran, sendo as mais importantes a 1 Q descoberta em 1947, a 4 Q (1952) e a 11 Q, em 1956. Entende-se que é ao De Vaux que se deve o sistema em vigor das siglas para a citação dos documentos de Qumran, apontando o número da gruta e a inicial de cada documento (1 QS = Serek HÁ Yhad; 1 QM = Milhamah; 1 QP = Peshar de Habacuc; 1 QH = Hadayot; f indica fragmento: 1 Q35f7)<sup>14</sup>.

Convencido de que havia uma relação entre os manuscritos encontrados e as ruínas de Qumran, De Vaux acreditava que as evidências apontavam para a existência

---

<sup>9</sup> DIAS, 2005, p. 112.

<sup>10</sup> MACHADO, Jonas; FUNARI, Pedro Paulo A. *Os manuscritos do Mar Morto: uma introdução atualizada*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012. p. 17.

<sup>11</sup> PERONDI, Ildo. Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto. *Rev. Pistis Prax.*, Teol. Pastor., Curitiba, v. 3, n. 1, p. 205-219, jan./jun. 2011.

<sup>12</sup> ALMEIDA, 2012, p. 163.

<sup>13</sup> DIAS, 2005, p. 113.

<sup>14</sup> ALMEIDA, 2012, p. 163-164.

de uma comunidade religiosa numerosa em Qumran naquele período. Para ele, havia uma conexão entre as ruínas e os manuscritos encontrados<sup>15</sup>.

Nesse sentido, “as centenas de textos e fragmentos de textos ali descobertos pelos anos que se seguiram criaram muitas expectativas na comunidade acadêmica, em especial entre os estudiosos da Bíblia e da História da Israel”<sup>16</sup>.

A descoberta dos Manuscritos do Mar Morto nas cavernas próximas a Khirbet Qumran, nas margens do Mar Morto em 1947 foi um dos mais espetaculares eventos da arqueologia do século XX<sup>17</sup>.

## 1.2 Qual a origem dos homens de Qumran?

De acordo com Perondi<sup>18</sup>, a descoberta dos manuscritos gerou curiosidade sobre quem teriam sido os habitantes que viveram nessa região e, por esse motivo, biblistas da Escola Bíblica de Jerusalém, liderados por R. de Vaux, estudaram essa comunidade que viveu ali e produziu todo esse material; baseados nos resultados das escavações e também em historiadores antigos, como Plínio, o Velho, Fílon e Flávio Josefo, concluíram que a comunidade começou a ser povoada cerca de 700 anos antes de Cristo.

Ainda de acordo com o autor, foi apenas em 200 anos a.C. que teve a organização como grupo de essênios, um grupo que se separou da comunidade judaica para viver mais radicalmente a sua fé. Essa comunidade sofreu uma forte destruição com o terremoto de 31 a.C. e depois deve ter ressurgido, até ser destruída pelos romanos e ter seu fim por volta dos anos 100 d.C.

De acordo com Schiffman<sup>19</sup>, qualquer análise da coleção dos manuscritos depende, de alguma forma, da identidade do povo que reuniu os manuscritos e os colocou nas cavernas de Qumran. Desde os estágios mais prímevos da pesquisa sobre Qumran, determinou-se que os manuscritos, as cavernas e as ruínas estavam correlacionadas.

---

<sup>15</sup> MACHADO, Jonas. Perspectivas da hipótese “Qumran-essênios”: a propósito de um livro de Gabriele Boccaccini. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 42, 238-261, jan./jun. 2012.

<sup>16</sup> MACHADO; FUNARI, 2012, p. 11.

<sup>17</sup> MACHADO; FUNARI, 2012, p. 11.

<sup>18</sup> PERONDI, 2011, p. 211.

<sup>19</sup> SCHIFFMAN, Lawrence H. Uma Introdução aos Manuscritos do Mar Morto. 2016. Disponível em: <<http://www.estudosadventistas.com.br/uma-introducao-aos-manuscritos-do-mar-morto/>>. Acesso em: 23 out. 2021.

Qumran é o nome do lugar onde foram encontrados os primeiros manuscritos numa gruta, situado perto do Mar Morto, em Israel. Após a primeira descoberta, foram encontradas outras grutas com outros manuscritos e objetos, não só em Qumran, mas em toda a região do Mar Morto, e por isso hoje se fala dos Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto (ou do Deserto de Judá)<sup>20</sup>.

De acordo com Machado e Funari<sup>21</sup>, Qumran é o nome de um riacho intermitente (wadi, em árabe), nas redondezas da cidade de Jericó, à beira do Mar Morto.

A comunidade de Qumran acreditava que Deus havia dividido a humanidade em dois campos opostos e que os seus membros eram os verdadeiros filhos da luz; assim, como membro da comunidade, não deveria retribuir ninguém com o mal, nem se interessar pela violência, antes, deveria desejar o bem<sup>22</sup>.

Além disso, Perondi<sup>23</sup> descreve algumas características da comunidade de Qumran. Nas palavras do autor, os membros tinham uma forte vida comunitária, com normas para a admissão, formação e vivência interna; seguiam uma disciplina rígida, rezavam e faziam penitência, tinham os bens praticamente em comum; liam, interpretavam e davam muita importância às Escrituras; esperavam o fim dos tempos, em que eles, os “filhos das luzes”, combateriam ao lado de Deus contra os “filhos das trevas”.

Ainda, embora a princípio se pensasse que a comunidade era só de homens, nos cemitérios foram descobertas ossadas também de mulheres. Uma figura importante na comunidade era o Mestre da Justiça e na comunidade havia uma forte expectativa messiânica, porém, eram dois os Messias esperados: um de linha mais política, que seria o descendente de David, e o segundo seria o Messias Sacerdote, descendente de Aarão. Por fim, afirma o autor que os membros da comunidade seguiam um calendário lunar que era de 364 dias.<sup>24</sup>

As escavações arqueológicas de 1952 puseram a descoberto as grandiosas ruínas de Qumran na plataforma de margem argilosa sobranceira ao Wadi Qumran, a 50 metros acima do Mar Morto, mas a 330 metros abaixo do nível do mar. Tratava-se de um complexo habitacional, com longo aqueduto e canais de água para sustento das pessoas

---

<sup>20</sup> PERONDI, 2011, p. 207.

<sup>21</sup> MACHADO; FUNARI, 2012, p. 29.

<sup>22</sup> ALMEIDA, 2012, p. 168.

<sup>23</sup> PERONDI, 2011, p. 211-212.

<sup>24</sup> PERONDI, 2011, p. 211-212.

e abluções rituais, comprovadas pelos vários tanques ou Miqvéh, e onde os arqueólogos foram identificando diversos espaços, a que deram o nome de torre, scriptorium, cozinha, sala de reuniões, oficina de cerâmica, depósito de louça, estábulo, cemitério. Os Essênios constituíam uma espécie de grupo místico e messiânico, e sobre eles tínhamos informações genéricas de escritores judaicos<sup>25</sup>.

Nos últimos dois milênios de história, a região passou por diversas dominações políticas. No ano 70 d.C., os romanos destruíram o Templo e a cidade de Jerusalém, e Israel deixou de existir enquanto Estado judaico. Em seguida, os romanos conquistaram e destruíram a comunidade de Qumran e depois tomaram a fortaleza de Massada, localizada próximo a Qumran. E em 135 d.C. foi vencida a última resistência judaica<sup>26</sup>.

Perondi<sup>27</sup> explica que, após a dominação romana, sucessivas potências ocuparam esse território. Na época em que se descobriram os primeiros manuscritos a região estava sob dominação inglesa, em seguida o território passou a fazer parte da Jordânia. Em 1948 Israel tornou-se um Estado independente, porém, somente em 1967, com a guerra dos seis dias, é que a região de Qumran e do Mar Morto passou a fazer parte do território de Israel.

### 1.3 Possíveis hipóteses para formação identitária da comunidade

O conhecimento sobre o passado depende de duas grandes variáveis: as fontes e os métodos ou pressupostos sobre como as sociedades e o mundo funcionam e se transformam. Esses dois aspectos são relacionados, pois a própria definição dos documentos ou fontes depende do ponto de vista teórico e metodológico do estudioso.<sup>28</sup>

Os manuscritos contribuíram muito para esclarecer a condição da Bíblia Hebraica nos dois últimos séculos A.E.C. Os manuscritos proveem uma evidência primeva do conceito de um cânone bíblico de três partes — Torá, Profetas e Escritos — tal como encontrado na tradição rabínica. Enquanto todos os livros, que são parte deste cânone, foram considerados sagrados pelos sectários (com a possível exceção do Livro de Ester), é bem possível, que eles, também, incluíam o Livro dos Jubileus e uma versão do Testamento de Levi em sua “Bíblia”.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> DIAS, 2005, p. 116.

<sup>26</sup> PERONDI, 2011, p. 207.

<sup>27</sup> PERONDI, 2011, p. 207.

<sup>28</sup> MACHADO; FUNARI, 2012, p. 23.

<sup>29</sup> SCHIFFMAN, 2016.

De acordo com Perondi<sup>30</sup>, os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto foram a maior descoberta científica do milênio passado para o estudo da Bíblia, tanto pela quantidade como pela qualidade dos escritos. Por esses manuscritos, foi possível ter acesso a informações sobre uma comunidade marginal ao judaísmo da época das origens do cristianismo.

Ainda para o autor, para o mundo judaico, além da contribuição bíblica, a descoberta abriu o caminho para o acesso a manuscritos e materiais de dois mil anos, bem como às escavações e ao conhecimento de uma comunidade de um grupo judaico (os essênios), o que contribui também para entender melhor a história dos últimos anos da existência do Estado de Israel (antes de ser destruído pelos romanos), além de ter proporcionado um grande conhecimento da literatura hebraica pré-cristã<sup>31</sup>.

Os conhecimentos arqueológicos e a análise do Carbono 14 permitiram uma datação bastante precisa para todo aquele valioso e extraordinário achado. Em termos de manuscritos hebraicos da Bíblia, dava-se um enorme salto qualitativo que permitia passar do século X da nossa era cristã para o século II antes de Cristo<sup>32</sup>.

Ainda, para o cristianismo, “a maior importância está nas descobertas bíblicas e, também, em poder conhecer melhor o ambiente, as estruturas, ideias do mundo judaico da época de Jesus e de uma comunidade que tinha pontos em comum e pontos divergentes com o cristianismo”<sup>33</sup>.

Schiffman<sup>34</sup>, esclarece que, em relação as origens do cristianismo, os manuscritos ajudam a entender a natureza das abordagens para com o judaísmo existente quando o cristianismo surgiu. Muito do que, anteriormente, entendíamos como influência estrangeira, são agora compreendidos como “troncos de raízes judaicas”. Além do mais, podemos, agora, entender melhor em que Jesus diferia dos grupos judaicos de seu tempo. Ainda que não haja uma ligação direta entre Jesus e os manuscritos, de fato, existem muitas diferenças substanciais entre os seus ensinamentos e aqueles da seita de Qumran.

Conforme explicam Machado e Funari<sup>35</sup>, o estudo sobre os Manuscritos do Mar Morto não pode ser desvencilhado das disputas modernas, que se referem a questões de identidades religiosas, políticas, nacionais e culturais, entre outras. Não podemos voltar

---

<sup>30</sup> PERONDI, 2011, p. 2016.

<sup>31</sup> PERONDI, 2011, p. 218.

<sup>32</sup> DIAS, 2005, p. 114.

<sup>33</sup> PERONDI, 2011, p. 218.

<sup>34</sup> SCHIFFMAN, 2016.

<sup>35</sup> MACHADO; FUNARI, 2012, p. 23.

ao passado e, nem se pudéssemos, teríamos como compreender o que testemunharíamos sem nossos próprios recursos culturais, históricos, políticos, religiosos.

## 2 A HALAKHAH EM QUMRAN

### 2.1 A composição dos textos

Na região da Judeia, durante o período do Segundo Templo, havia uma pluralidade considerável de grupos religiosos de matriz judaica. Cada um deles possuía uma halakhah elaborada com base nas tradições antigas, mas que esteve também aberta para inovações. Um dos grupos em que a tradição e a inovação estiveram presentes foi o de Qumran<sup>36</sup>.

Em seus escritos é possível encontrar um número significativo de elementos *halakhicos* herdados do passado. Importante mencionar que, originalmente, conjunto normativo daqueles grupos damos o nome de *halakhah*. Originalmente, o uso da palavra *halakhah* (pl. *halakhot*) foi limitado, sendo utilizado para se referir exclusivamente às leis dadas a Moisés no episódio bíblico da revelação sinaítica (Ex 19)<sup>37</sup>.

O verbo *halakh*, que em português pode ser vertido como ir, caminhar. A maior parte dos léxicos considera que a relação entre a *halakh* (o verbo) e a *halakhah* (o conceito) pode ser entendida como “um caminho pelo qual os indivíduos deviam andar/ir”, em conformidade com o conselho de Jetro a Moisés<sup>38</sup>.

De acordo com o Talmud (Tractate Makot), 613 mitsvot são na Tora, 248 positivo ("serás") mitsvot e 365 negativo ("tu não") mitsvot, suplementado por sete mitsvot legislado pelos rabinos da antiguidade. Atualmente, muitos dos 613 mandamentos não podem ser cumpridos até a construção do Templo em Jerusalém e o reassentamento universal do povo judeu na Terra de Israel pelo Messias. De acordo com uma contagem, apenas 369 podem ser mantidos, o que significa que 40% das mitsvot não são possíveis de serem cumpridas<sup>39</sup>.

Durante o período do Segundo Templo, houve uma ampliação dos limites da halakhah às mãos dos grupos religiosos, sobretudo entre os séculos II a.C. e I d.C. O

<sup>36</sup> VIEIRA, Fernando Mattioli. A halakhah de Qumran. Estudos Bíblicos, v. 34, n. 136, p. 417-430, out/dez 2017. p. 417.

<sup>37</sup> HALAKHA. Disponível em: <<https://stringfixer.com/pt/Halakhah>>. Acesso em: 22 out. 2021.

<sup>38</sup> HALAKHA. Disponível em: <<https://stringfixer.com/pt/Halakhah>>. Acesso em: 22 out. 2021.

<sup>39</sup> HALAKHA. Disponível em: <<https://stringfixer.com/pt/Halakhah>>. Acesso em: 22 out. 2021.

que inicialmente representou apenas a Lei dada a Moisés viria a se tornar, até o séc. I d.C., todo o conjunto normativo do judaísmo. No entanto, se por um lado os diversos grupos judaicos reconheciam todo o sistema normativo bíblico como a halakhah fundamental, por outro eles a expandiram com suas construções particulares. Isso promoveu naquele tempo uma série de halakhot, cada qual pertencente a um grupo que reivindicava a autoridade dela sobre todas as outras<sup>40</sup>.

## 2.2 Destacando os textos da Halakhah

A palavra Halakhah é derivada da raiz hebraica halakh - "caminhar" ou "ir". Tomado literalmente, portanto, halakha é traduzido como "o caminho a percorrer", ao invés de "lei". A palavra halakha se refere ao corpus dos textos legais rabínicos, ou ao sistema geral da lei religiosa. O termo também pode estar relacionado a Akkadian ilku, um imposto sobre a propriedade, expresso em aramaico como halakh, designando uma ou várias obrigações. Pode ser descendente da hipotética raiz proto-semítica reconstruída halak - que significa "ir", que também tem descendentes em acadiano, árabe, aramaico e ugarítico<sup>41</sup>.

A halakhah tem como característica marcante a observância dos preceitos que orientam a vida do grupo qumrânico. “As passagens da literatura de Qumran exibem amplo desenvolvimento da Lei Bíblica: seus autores interpretam ordens bíblicas ocultas, harmonizam versos contraditórios e mesmo introduzem halakhot não encontrados no Pentateuco<sup>42</sup>”.

Na halakhah de Qumran, o que era específico ao grupo possuía a mesma autoridade do que era da tradição bíblica. Ela abrangia uma “halakhah nacional”, reconhecida por todos os judeus, e uma “halakhah restrita” (mas não “restritiva”), particular ao grupo. Presente em um período de intensas mudanças sociais, essa ampla halakhah procurou dar cabo de suas funções básicas: colocar os indivíduos a par das dicotomias (basicamente o “sagrado” e o “profano”) e orientá-los a se portarem diante daquela complexa sociedade (cf. CD 12,19-20). O estudo da halakhah de Qumran lança

---

<sup>40</sup> VIEIRA, 2017, p. 419.

<sup>41</sup> HALAKHA. Disponível em: <<https://stringfixer.com/pt/Halakhah>>. Acesso em: 22 out. 2021.

<sup>42</sup> RODRIGUES, 2006.

luz sobre como interpretar os sistemas normativos de outros grupos religiosos do período – tarefa que pode ser proposta para outra ocasião<sup>43</sup>.

Historicamente, na diáspora judaica, a halakha serviu a muitas comunidades judaicas como uma via executável da lei - tanto civil quanto religiosa, uma vez que não existe diferenciação no Judaísmo clássico. Desde o Iluminismo judaico (Haskalah) e a emancipação judaica, alguns passaram a ver a halakha como menos obrigatória na vida cotidiana, já que se baseia na interpretação rabínica, em oposição ao texto canônico autorizado registrado na Bíblia Hebraica<sup>44</sup>.

De acordo com a lei israelense contemporânea, certas áreas da família israelense e da lei de status pessoal estão sob a autoridade dos tribunais rabínicos, então são tratadas de acordo com a halakha. Algumas diferenças de halakha são encontrados entre os judeus Ashkenazi, Mizrahi judeus, judeus sefarditas, iemenita, etíope e de outras comunidades judaicas que historicamente viveram em isolamento<sup>45</sup>.

Halakha constitui a aplicação prática das 613 mitzvot ("mandamentos") na Torá, conforme desenvolvido por meio de discussão e debate na literatura rabínica clássica, especialmente a Mishná e o Talmud (a "Torá Oral"), e como codificado na Mishné Torá e Shulchan Aruch. Como a halakha é desenvolvida e aplicada por várias autoridades halakhic ao invés de uma única "voz oficial", diferentes indivíduos e comunidades podem ter respostas diferentes para as questões halakhic. Com poucas exceções, as controvérsias não são resolvidas por meio de estruturas de autoridade porque durante a diáspora judaica, os judeus careciam de uma única hierarquia judicial ou processo de revisão de apelação para halakha<sup>46</sup>.

### 2.3 As questões da lei em Qumran e o documento 4QMMT

O documento 4QMMT compõe o conjunto dos Manuscritos do Mar Morto e foi publicado em *Discoveries in the Judaean Desert* (1994). Trata-se de uma carta que contém vinte e duas leis religiosas que visavam à regulação do comportamento religioso e social do grupo de Qumran. Este artigo pretende verificar de que forma os autores e a audiência desse material articularam e re-interpretaram os conteúdos da Lei<sup>47</sup>.

---

<sup>43</sup> VIEIRA, 2017, p. 428.

<sup>44</sup> HALAKHA. Disponível em: <<https://stringfixer.com/pt/Halakhah>>. Acesso em: 22 out. 2021.

<sup>45</sup> HALAKHA. Disponível em: <<https://stringfixer.com/pt/Halakhah>>. Acesso em: 22 out. 2021.

<sup>46</sup> HALAKHA. Disponível em: <<https://stringfixer.com/pt/Halakhah>>. Acesso em: 22 out. 2021.

<sup>47</sup> RODRIGUES, 2006, p. 2.

De acordo com Rodrigues<sup>48</sup>, esse documento também é conhecido como carta haláquica, pois contém vinte e duas leis religiosas (*halahot*). Trata-se de um documento básico da seita de Qumran que, segundo alguns estudiosos, possui valor prescritivo para a comunidade. Ainda, para o autor:

A carta evidencia o radicalismo de alguns judeus na preservação e no cumprimento da Lei e deste modo, justifica o comportamento de sectarismo atribuído ao grupo de Qumran. Strugnell confirmou essa declaração e admitiu que 4QMMT é uma fonte para se compreender o grupo de Qumran. Apesar de o documento conter rígidas regulares para a vida sexual, não trata apenas desse assunto, mas, especialmente, das questões relacionadas à pureza<sup>49</sup>.

Desde sua publicação, o material de 4QMMT tem recebido vasto tratamento entre os acadêmicos, em razão de sua relevância histórica.

---

<sup>48</sup> RODRIGUES, 2006, p. 2.

<sup>49</sup> RODRIGUES, 2006, p. 2.

### 3 UM OLHAR COMUM SOBRE OS ESCRITOS DE PAULO E 4QMMT

#### 3.1 Nova perspectiva sobre Paulo

A interpretação tradicional que por muito tempo dominou a área de estudos paulinos começou a ser contestada recentemente, de forma séria, por vários estudiosos. Alguns estudiosos se destacaram como responsáveis pelo surgimento e difusão da “nova perspectiva sobre Paulo”.<sup>50</sup>

O livro de E. P. Sanders, *Paul and Palestinian Judaism*, argumenta que o judaísmo da Palestina na época de Jesus e Paulo não era uma religião legalista, preocupada em acumular méritos diante de Deus; antes, era uma religião baseada na graça de Deus revelada nas alianças com Israel, especialmente no Sinai. Portanto, o fariseu da época de Jesus e de Paulo já se considerava, por nascimento, dentro da graça e da aliança. Ele não praticava as “obras da lei” de forma legalista nem para justificar-se – mas simplesmente para manter-se dentro do círculo da aliança<sup>51</sup>.

A tese básica de Sanders não é tanto a de que Paulo tem sido mal entendido, mas sim a de que o modelo de judaísmo deduzido dos escritos de Paulo é historicamente falso, não apenas parcialmente impreciso, mas fundamentalmente errado. Aquilo que normalmente se considera a alternativa judaica ao evangelho de Paulo dificilmente teria sido reconhecida como uma expressão do judaísmo pelos irmãos de Paulo segundo a carne<sup>52</sup>.

Sanders, então, conclui que o padrão religioso do judaísmo palestino não era “legalismo”, mas “nomismo pactual” (covenantal nomism). Partindo dessas premissas, Sanders afirma em outra obra sua que o assunto discutido em Gálatas “não é se as

---

<sup>50</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. A nova perspectiva sobre Paulo: um estudo sobre as “obras da lei” em Gálatas. *FIDES REFORMATATA* XI, n. 1, 2006, p. 83-94.

<sup>51</sup> LOPES, 2006, p. 85.

<sup>52</sup> DUNN, James D. G. A nova perspectiva sobre Paulo.

peças podem acumular méritos suficientes para ser absolvidas no juízo; antes, o que se discute é a base sobre a qual os gentios podem ser incluídos no povo de Deus”<sup>53</sup>.

Sanders observa que eruditos judeus e especialistas em judaísmo antigo há muito registram protestos a esse respeito, contrastando o judaísmo rabínico com a paródia de judaísmo que Paulo parece ter rejeitado<sup>54</sup>.

Além disso, outro autor que tem contribuído em muito para essa “nova perspectiva sobre Paulo” é James Dunn. Para ele, Paulo ataca as “obras da lei” não porque elas expressam algum desejo de alcançar mérito por parte dos judeus, mas porque entende que elas fazem uma distinção entre os judeus, o povo de Deus da antiga dispensação, e os gentios, a quem o evangelho está sendo oferecido. As “obras da lei”, que Paulo identifica como restritas à circuncisão, às leis sobre alimentos puros e impuros (kashrut) e aos dias especiais do calendário judaico, são emblemas que caracterizam o judaísmo e devem ser rejeitadas porque enfatizam a separação entre judeus e não-judeus, a qual Cristo veio abolir<sup>55</sup>.

### 3.2 As questões da linguagem determinista, justificação, obras da lei, práticas e experiências religiosas em Paulo

Em algumas ocasiões nos escritos da Nova Aliança o apóstolo Paulo utiliza a expressão “obras da lei” (carta aos Rm 3 e aos Gl 2-3). Em todas essas citações a expressão é usada negativamente, sendo algo a ser evitado por todo servo verdadeiro de Deus através de Yeshua (Jesus). Porém, a má interpretação e a descontextualização dos textos paulinos onde essa expressão é mencionada, gerou e tem gerado nos meios teológicos cristãos (e também judaicos) um falso conceito que Paulo era contrário à Torá e a sua obediência<sup>56</sup>.

Essa expressão é utilizada por Paulo, repetidamente, nas cartas aos Gálatas e aos Romanos (Gl 2,16, 3,2.5.10; Rm 3,20.28). Entretanto, a frase não estava testemunhada em hebraico, com exceção de um caso de leitura incerta em 4Q174, antes da publicação

---

<sup>53</sup> LOPES, 2006, p. 85.

<sup>54</sup> DUNN, James D. G. A nova perspectiva sobre Paulo.

<sup>55</sup> LOPES, 2006, p. 86.

<sup>56</sup> MINISTÉRIO ENSINANDO DE SIÃO. Artigos e estudos. Paulo e as “Obras da Lei”. Disponível em: < <https://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/paulo-e-as-obras-da-lei/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

em 1994 de 4QMMT, uma obra conservada, parcialmente, em seis manuscritos, 4Q394-398, todos eles provenientes da Gruta 4<sup>57</sup>.

A expressão “Obras da Lei” é mais antiga do que o próprio Paulo. Ela já foi utilizada pela comunidade de Qumran quase dois séculos antes de Cristo, como atestam os pergaminhos do Mar Morto descobertos no século passado. Em um dos rolos temos o título “*Mikssát Maassêi ha Torá*“, ou “As importantes obras da Lei”. Devido a este nome, esse pergaminho é simplesmente conhecido como “MMT ou 4QMMT”<sup>58</sup>.

De acordo com o Apóstolo Paulo, é a fé em Cristo a que justifica e não as obras da lei. O significado preciso, da frase de Paulo, era muito discutido, antes de acontecer a descoberta do texto qumrânico, e continuou sendo discutido, depois da sua publicação. Paulo, como os autores 4QMMT, por “obras da lei”, entende as práticas concretas, cuja importância é tal que, sua observância leva, aos que as cumprem, a se separarem dos que não as cumprem ou as interpretam de outro modo. No texto qumrânico, a observância destas obras da lei é a que leva à salvação. Paulo afirma, exatamente, o contrário: é a fé em Cristo que salva e não a observância das “obras da lei”.<sup>59</sup>

Nele, há mais de 20 regras haláchquicas sobre purificação, incluindo citações de mandamentos da Torá e principalmente interpretações e complementos de tais mandamentos Mosaicos. Há também regras que excluía as oferendas dos gentios e os próprios gentios de participarem das atividades do Templo em Jerusalém. O estudo deste documento trouxe grande luz à interpretação do Apóstolo Paulo e seu posicionamento em relação à Torá ou Lei de Moisés<sup>60</sup>.

De acordo com Leuven<sup>61</sup>, as mudanças no estudo da teologia de São Paulo têm sido motivadas, em grande parte, pela publicação dos manuscritos de Qumran, apesar destes textos terem sido escritos, na sua grande maioria, em hebraico ou aramaico.

Ao usar a expressão “Obras da Lei”, Paulo refere-se a uma ideologia muito comum entre judeus e gentios simpatizantes do judaísmo, a saber, que a simples obediência ao mandamento justificaria o praticante perante Deus. Isso é também

---

<sup>57</sup> LEUVEN, Florentino García Martínez. K.U. Alguns textos Paulinos à luz de Qumran. Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio, ano XIII, n. 31, jan./abr. 2009, p. 15.

<sup>58</sup> MINISTÉRIO ENSINANDO DE SIÃO. Artigos e estudos. Paulo e as “Obras da Lei”. Disponível em: <<https://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/paulo-e-as-obras-da-lei/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

<sup>59</sup> LEUVEN, 2009, p. 17.

<sup>60</sup> MINISTÉRIO ENSINANDO DE SIÃO. Artigos e estudos. Paulo e as “Obras da Lei”. Disponível em: <<https://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/paulo-e-as-obras-da-lei/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

<sup>61</sup> LEUVEN, 2009, p. 13.

chamado de “legalismo”. O legalismo é a desobediência a Deus utilizando-se para isso a própria Torá<sup>62</sup>.

A passagem, em questão, é a conclusão da obra, conservada, integralmente, em 4Q398 e, parcialmente, em 4Q399. Estas “obras da lei” são as interpretações discutidas na primeira parte da composição. Dizem respeito a normas destinadas a proteger a pureza ritual dos sacerdotes, do povo, em geral, e, inclusive, da cidade de Jerusalém, bem como elementos do culto sacrificial, do templo e dos sacerdotes em geral<sup>63</sup>.

### 3.3 Uma guinada no barco da teologia paulina

Por muitos anos, considerou-se a justificação pela fé como o tema central da teologia paulina tanto em Romanos como nas demais cartas. Essa posição tem sido contestada, entretanto, em discussões recentes. A apresentação de uma teologia com base num único ou múltiplos centros, não importando como ele é definido, tem fomentado muitos comentários e investigações a esse respeito<sup>64</sup>.

O cerne da teologia paulina passou a ser questionado, quando esses estudiosos começaram a realizar pesquisas sobre o farisaísmo judaico do primeiro século, e avaliar que a interpretação, comumente aceita, de que eles eram legalistas estava equivocada. Como resultado, surge um vasto número de propostas a respeito da coerência da teologia de Paulo e do conceito principal pelo qual o apóstolo estruturara toda a sua teologia e principalmente sua epístola aos Romanos. Nasce, então, a era da “nova perspectiva sobre Paulo”, que considera, dentre outras coisas, a justificação pela fé como um tema secundário na teologia paulina<sup>65</sup>.

---

<sup>62</sup> MINISTÉRIO ENSINANDO DE SIÃO. Artigos e estudos. Paulo e as “Obras da Lei”. Disponível em: < <https://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/paulo-e-as-obras-da-lei/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

<sup>63</sup> LEUVEN, 2009, p. 13.

<sup>64</sup> FERREIRA, Patrick. O centro da teologia paulina – primeira parte. HERMENÊUTICA, v. 10, n. 2, p. 125-145.

<sup>65</sup> FERREIRA, Patrick. O centro da teologia paulina – primeira parte. HERMENÊUTICA, v. 10, n. 2, p. 125-145.

## CONCLUSÃO

Os Manuscritos do Mar Morto foram descobertos no ano de 1947, na Palestina. Ao todo, foram encontrados em torno de 800 documentos e alguns estudiosos sugerem que alguns manuscritos sejam rolos de livros sagrados que os judeus do Templo esconderam ali quando pressentiram que os romanos destruiriam o Templo e a cidade de Jerusalém.

Qualquer análise da coleção dos manuscritos depende, de alguma forma, da identidade do povo que reuniu os manuscritos e os colocou nas cavernas de Qumran – lugar onde foram encontrados os primeiros manuscritos numa gruta, situado perto do Mar Morto, em Israel. Tratava-se de um complexo habitacional, com longo aqueduto e canais de água para sustento das pessoas e abluções rituais, comprovadas pelos vários tanques.

A comunidade de Qumran acreditava que Deus havia dividido a humanidade em dois campos opostos e que os seus membros eram os verdadeiros filhos da luz; assim, como membro da comunidade, não deveria retribuir ninguém com o mal, nem se interessar pela violência, antes, deveria desejar o bem.

Um dos documentos do Manuscrito do Mar Morto era o 4QMMT, uma carta que contém vinte e duas leis religiosas que visavam à regulação do comportamento religioso e social do grupo de Qumran, publicado em *Discoveries in the Judaean Desert* (1994). Trata-se de um documento básico da seita de Qumran que, segundo alguns estudiosos, possui valor prescritivo para a comunidade.

É possível estabelecer um paralelo entre as ideias de Paulo e o documento 4QMMT. Em algumas ocasiões nos escritos da Nova Aliança o apóstolo Paulo utiliza a expressão “obras da lei”, usada negativamente, sendo algo a ser evitado por todo servo verdadeiro de Deus através de Jesus. Essa expressão já foi utilizada pela comunidade de Qumran quase dois séculos antes de Cristo, como atestam os pergaminhos do Mar Morto descobertos no século passado.

## REFERÊNCIAS

ALMEILDA, Maria Aparecida de Andrade. Manuscritos do Mar Morto. A categoria “Luz” nos Manuscritos do Mar Morto. *REFLEXUS* - Ano VI, n. 7, 2012/1.

DUNN, James D. G. A nova perspectiva sobre Paulo.

FERREIRA, Patrick. *O centro da teologia paulina – primeira parte*. HERMENÊUTICA, v. 10, n. 2, p. 125-145.

HALAKHA. Disponível em: <<https://stringfixer.com/pt/Halakhah>>. Acesso em: 22 out. 2021.

LEUVEN, Florentino García Martínez. K.U. Alguns textos Paulinos à luz de Qumran. Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio, ano XIII, n. 31, jan./abr. 2009.

LOPES, Augustus Nicodemus. A nova perspectiva sobre Paulo: um estudo sobre as “obras da lei” em Gálatas. *FIDES REFORMATATA XI*, n. 1, 2006, p. 83-94.

MACHADO, Jonas; FUNARI, Pedro Paulo A. *Os manuscritos do Mar Morto: uma introdução atualizada*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012.

MACHADO, Jonas. Perspectivas da hipótese “Qumran-essênios”: a propósito de um livro de Gabriele Boccaccini. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 42, 238-261, jan./jun. 2012.

MARTÍNEZ, Florentino García. *Textos de Qumran: edição fiel e completa dos documentos do Mar Morto*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MINISTÉRIO ENSINANDO DE SIÃO. Artigos e estudos. *Paulo e as “Obras da Lei”*. Disponível em: <<https://ensinandodesiao.org.br/artigos-e-estudos/paulo-e-as-obras-da-lei/>>. Acesso em: 20 out. 2021.

NASCIMENTO, Carlos Josué Costa Do. *A pureza e a impureza: motivos de conflito na busca de identidade da comunidade de Qumran – uma leitura de 4QMMT*. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.); FUNARI, Pedro Paulo A. (org.); COLLINS, John J. (org.). *Identidades fluidas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume; 2010.

O que significa caverna 4 de Qumran. Cf. SCHIFFMAN, Lawrence H. *As origens saducéias da seita dos manuscritos do Mar Morto*. In: SHANKS, Hershel (org.). *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto. Uma coletânea de ensaios da Biblical Archaeology Review*. Trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PERONDI, Ildo. Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto. *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 205-219, jan./jun. 2011.

RODRIGUES, Elisa. Não misturar, não contaminar: as prescrições de 4QMMT limites e identidade social dos membros de Qumran, *Oracula 2.4*, São Bernardo do Campo, p. 1-27, 2006.

SCHIFFMAN, Lawrence H. *Uma Introdução aos Manuscritos do Mar Morto*. 2016. Disponível em: <<http://www.estudosadventistas.com.br/uma-introducao-aos-manuscritos-do-mar-morto/>>. Acesso em: 23 out. 2021.

VIEIRA, Fernando Mattioli. A Halakah de Qumran: entre a tradição e a inovação. *Estudos Bíblicos*, v. 34, n. 136, p. 417-430, out/dez 2017.